

O LABORATORIO DE FISICA E ENGENHARIA NUCLEARES QUE MARCA ENTRE NÓS UM NOVO PERÍODO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA FOI ONTEM INAUGURADO PELO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA NA PRESENÇA DE MEMBROS DO GOVERNO E OUTRAS INDIVIDUALIDADES

No quadro das grandes realizações levadas a efeito nestes últimos anos engloba-se, agora, como um empreendimento da mais larga envergadura, que assina um novo período entre nós de progresso na investigação científica, o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, ontem solenemente inaugurado pelo sr. Presidente da República.

Eram 10 horas quando o supremo magistrado da Nação ali chegou com os oficiais da sua Casa Militar, srs. general Humberto Pais e comandantes Guilherme Tomás e Benvidado da Fonseca. Logo lhe apresentou cumprimentos o presidente da Junta de Energia Nuclear, sr. eng. José Frederico Ulrich, seguindo-se os srs. drs. Pedro Teófilo Pereira, ministro da Presidência; prof. Pinto Barbosa e eng. Arantes e Oliveira, ministros das Finanças e das Obras Públicas, e eng. Saraiva e Sousa, subsecretário de Estado desta última pasta e ainda do sr. dr. Carlos Cachó, director-geral do Laboratório, e de outras individualidades.

Realizou-se imediatamente uma sessão solene, sentando-se ao lado do sr. almirante Américo Tomás os titulares das pastas da Presidência, das Finanças e das Obras Públicas, e ainda, os srs. dr. Carlos Cachó e eng. José Frederico Ulrich. Foi este o primeiro orador, que começou por agradecer a presença do sr. Presidente da República em nome de quantos servem na Junta de Energia Nuclear, e de todos aqueles que, de qualquer forma, colaboraram na materialização do empreendimento que se ia inaugurar.

Continuou, dirigindo-se ao Chefe do Estado:

«Tem V. Ex.ª sabido, mercê de excepcionais virtudes de inteligência e de bondade, criar à sua volta, de Norte a Sul do País, uma verdadeira auréola de prestígio e de simpatia. São estes sentimentos amplamente partilhados por todo o pessoal da Junta, desde o mais alto ao mais modesto dos seus servidores, e daí o desvaticamento com que vemos V. Ex.ª presidir a este acto, vivendo assim connosco o dia em que festejamos o termo de uma das principais fases da missão que nos está confiada e trazendo-nos o mais valioso estímulo para que prosigamos no nosso trabalho sem o menor desfalecimento, antes com redobrada vontade e dedicação».

Depois: «Ao sr. Presidente do Conselho, que no acto de posse da Junta, em Abril de 1954, nos traçou o caminho a seguir e desde então tem sempre encorajado o nosso trabalho, orientando-nos nele e nunca nos regateando possibilidades de acção, dirijo daqui uma palavra de rendida gratidão. E, aos protestos do nosso muito respeito e admiração quero acrescentar a solene afirmação de que a Junta de Energia Nuclear está incondicionalmente a seu lado na ingente cruzada a que vem dedicando a sua vida da valorização e defesa do património sagrado da Nação».

Tributou, mais adiante, homenagens ao sr. dr. Pedro Teófilo Pereira e aos seus antecessores srs. profs. Marcelo Caetano e Costa Leite (Lumbrães), e, depois, aos srs. prof. Pinto Barbosa e eng. Arantes e Oliveira.

Prosseguindo, e aproveitando-se de uma planta do conjunto de edifícios que compõem o Laboratório, o sr. eng. José Frederico Ulrich expôs o que é o estabelecimento (cuja rápida descrição já ontem fizemos), dizendo a propósito: «Como elementos principais de trabalho, são de citar: na física, dois aceleradores de partículas, um do tipo Van-der-Graaff, de dois milhões de electrões-volt e outro, Cockcroft-Walton, de cerca de um terço daquela potência; a química conta laboratórios perfeitos—ficará de certeza a melhor unidade do género existente em Portugal—, e reveste interesse particular a unidade piloto que quando funcionar em regime intensivo poderá produzir perto de 100 toneladas de urânio por ano. Dispõe esta unidade piloto de suficiente flexibilidade para permitir o estudo das melhores técnicas de manipulação dos minérios de diversas naturezas existentes no continente e nas nossas províncias de além-mar. Por sua vez, o reactor é do tipo «piscina», com potência de um megawatt e fluxo de 10^{14} neutrões por centímetro quadrado e segundo. Trata-se de um reactor experimental, não destinado a produzir energia mas sim a realizar estudos de materiais e das características dos reactores em geral e a facultar experiência da utilização e do «controlo» destes complexos aparelhos, em suma, a familiarizar-nos com a tecnologia dos reactores nucleares, por forma a podermos acompanhar com conhecimento de causa a sua constante evolução».

«Se no Continente—disse o sr. eng. Frederico Ulrich—se nota falta de técnicos, no Ultramar, o caso é verdadeiramente crucial»

Prestou, depois, outros esclarecimentos sobre a organização e montagem do Laboratório, dizendo:

«Trata-se de um conjunto extremamente complexo e julgo oportuno salientar que todo o projecto, até aos seus mais pequenos pormenores, foi concebido e executado pelos nossos técnicos sob a orientação do director-geral do Laboratório, dr. Carlos Cachó. Teria sido possível—e bem mais fácil, aliás—, encomendá-lo a uma firma estrangeira especializada, e se o tivéssemos feito já o Laboratório estaria pronto e inaugurado há bastantes meses. Pareceu-nos, porém, preferível, embora sabendo do atroz daí resultante, fazer por nossas mãos todo o trabalho, o qual, ao fim e ao cabo, serviu de boa aprendizagem para a técnica portuguesa, e, bem vistas as coisas, é esta a finalidade primordial do estabelecimento».

Noutra passagem acentuou que o Laboratório se destina essencialmente a contribuir para o aperfeiçoamento do ensino e para o desenvolvimento da nossa investigação pura e aplicada.

Acrescentou: «Isto dependerá basilamente do interesse do professorado das escolas superiores técnicas em utilizarem as nossas instalações. Temos a intenção de lhes abrir as portas de par em par e prestar-lhes toda a colaboração possível, inclusive através da instituição de cursos de especialização para estudantes e pós-universitários. Já temos alguns distintos professores a tra-

balhar connosco e sabemos poder contar com a boa vontade do Ministério da Educação, no sentido de levar as escolas técnicas portuguesas a tirar todo o proveito possível deste centro que, como ficou dito, dispõe de equipamento do mais alto valor — e de tal custo que seria materialmente contra-indicado vir a instalar nas próprias escolas».

Depois: «Eu tenho fé no futuro deste Laboratório, já porque contamos felizmente com um núcleo técnico de alto nível, já porque está amplamente comprovado encontrar-se ao nosso alcance atingir boa crença neste campo da investigação. Para só citar um exemplo—e outros poderia apontar—está a aí a vista de todos o nível conseguido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, instituição prestigiosa cuja fama há muito passou além das nossas fronteiras. Que o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares consiga equiparar-se-lhe um dia, é a minha mais ardente esperança reforçada pelo facto de saber podermos contar para tal com a colaboração do próprio director do Laboratório de Engenharia Civil, eng. Manuel Rocha, vice-presidente da Junta de Energia Nuclear que vai pôr a sua vasta experiência, a sua grande cultura e as suas excepcionais qualidades de investigador ao serviço deste novo órgão, ajudando a estruturá-lo e a lançá-lo em plena actividade».

Depois: «Eu tenho fé no futuro deste Laboratório, já porque contamos felizmente com um núcleo técnico de alto nível, já porque está amplamente comprovado encontrar-se ao nosso alcance atingir boa crença neste campo da investigação. Para só citar um exemplo—e outros poderia apontar—está a aí a vista de todos o nível conseguido pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, instituição prestigiosa cuja fama há muito passou além das nossas fronteiras. Que o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares consiga equiparar-se-lhe um dia, é a minha mais ardente esperança reforçada pelo facto de saber podermos contar para tal com a colaboração do próprio director do Laboratório de Engenharia Civil, eng. Manuel Rocha, vice-presidente da Junta de Energia Nuclear que vai pôr a sua vasta experiência, a sua grande cultura e as suas excepcionais qualidades de investigador ao serviço deste novo órgão, ajudando a estruturá-lo e a lançá-lo em plena actividade».

O sr. eng. Frederico Ulrich salientou a necessidade de um órgão coordenador da actividade dos centros de investigação portugueses

«Tenho para mim — acrescentou — que na conjuntura que atravessamos se impõe uma conjugação total de esforços para a urgente elevação do nível científico português. Por um lado, precisamos cada vez de maior número de técnicos; por outro, é imperativo dar uma lização. Não se trata de um problema exclusivamente nosso, longe disso: existe ele, hoje em dia, em todo o Mundo civilizado, e todos conhecemos a acuidade com que a questão é insistentemente levantada nos organismos científicos internacionais. Mas entre nós a sua gravidade atinge proporções tais que se lhe não cuidarmos de pronto calaremos numa situação difficilíssima de remediar. Já no Continente se verifica uma falta notória de técnicos, falta que cria dificuldades imensas ao nosso desenvolvimento e até, concretamente, à efectivação dos nossos planos de fomento. Então no Ultramar, o caso é verdadei-

lização. Não se trata de um problema exclusivamente nosso, longe disso: existe ele, hoje em dia, em todo o Mundo civilizado e todos conhecemos a acuidade com que a questão é insistentemente levantada nos organismos científicos internacionais. Mas entre nós a sua gravidade atinge proporções tais que se lhe não acudirmos de pronto cairemos numa situação difficilissima de remediar. Já no Continente se verifica uma falta notória de técnicos, falta que cria difficuldades imensas ao nosso desenvolvimento e até, concretamente, à efectivação dos nossos planos de fomento. Então no Ultramar, o caso é verdadeiramente crucial! Vivemos — já é lugar comum repeti-lo — a era da técnica, era da civilização em que dos técnicos depende essencialmente o progresso económico das nações. A perfeição das infra-estruturas, a economia dos fabricos e o nível da produtividade, constituem outros tantos elementos chave desse progresso. E eles só se conseguem através de técnicos, numerosos e especializados. Não hesitaremos em proclamar ser esta a questão fundamental dos nossos dias, questão que de longe sobreleva todo o conjunto das restantes questões nacionais. Bem sei que é difficil solucioná-la rapidamente, mas entendo que, se necessário, tudo se lhe deve sacrificar se quisermos manter o nosso País no rol dos povos civilizados. Vem o Laboratório, que hoje inauguramos, com a maior e mais flagrantemente oportunidade, enriquecer os meios de que dispomos para essa cruzada. Mas só por si pouco ou nada poderá fazer enquanto todo o problema não for objecto de uma revisão radical.

Com nome da Junta de Energia Nuclear, que conta da maior nomeada, permitto-me dirigir de aqui um apelo ao Governo e aos Professores das nossas escolas técnicas superiores para que encarem de frente este problema, de olhos postos no futuro de Portugal. E desde já todos nós que servimos a Junta oferecemos a nossa mais aberta e leal colaboração no sentido da satisfatória resolução desse mesmo problema. Por outro lado, sr. Presidente, permitto-me mais uma vez advogar a criação de um órgão coordenador da actividade dos centros de investigação portugueses. São estes já numerosos e contam-se entre eles alguns de muita valia, mas para benefício do seu rendimento prático é indispensável coordenar os respectivos programas, única forma de se evitarem duplicações de esforços sempre onerosas e contraproducentes. Neste sector da investigação os resultados de valor já se não conseguem, hoje em dia, por acções isoladas, mas sim por trabalho de «équipes» — quer se trate de cientistas, quer de centros de investigação pura e aplicada. Não vem a propósito espreitar-me sobre este assunto mas fácil será compreender-se que a medida preconizada é extremamente simples de adoptar, pois poderia nem sequer implicar despesas.

Proseguindo, o sr. eng. Frederico Ulrich evocou a memória do arq. António Lino a quem coube o trabalho-base da concepção global do conjunto do Laboratório e de cada uma das suas unidades em separado, e, depois, juntou a actividade que tiveram os empreiteiros das obras e outras entidades.

Ao concluir, prestou homenagem ao sr. eng. Rogério Cavaca, e à forma como tem dirigido os serviços de prospeccção e exploração mineira, rendendo ainda louvores à maneira dedicada como trabalha todo o pessoal da Junta de Energia Nuclear.

Demorada selva de palmas coroou as palavras do sr. eng. José Frederico Ulrich.



O sr. Presidente da República impõe as insígnias de comendador da Ordem de Cristo ao sr. eng. Rogério Cavaca.

O sr. ministro da Presidência exprimiu o voto de que o novo Laboratório atinja o prestígio conquistado pelo da Engenharia Civil

Seguiu-se, escutado com a maior atenção, o sr. ministro da Presidência, que num curto improviso recordou os primeiros tempos da teoria da relatividade e a iniciação dos estudantes do seu tempo na concepção genial que abria novos rumos à ciência. Frisando o longo caminho percorrido desde os primeiros conceitos teóricos até aos aceleradores de partículas agora correntes, disse que não se ia arriscar a apresentar-se como erudito em tal matéria naquela grande ocasião. Ia apenas dizer algumas palavras para, fazendo suas as do presidente da Junta de Energia Nuclear, começar por agradecer também ao Chefe do Estado a grande honra da sua presença. Como acontecia com tantas outras realizações de importância capital na vida portuguesa, recordara o sr. eng. Ulrich as palavras de orientação e encorajamento recebidas directamente do Presidente do Conselho. Era uma feliz coincidência que aquela importante inauguração se realizasse no aniversário da entrada no Governo do sr. dr. Oliveira Salazar. Todos ali sentiram prazer que assim tivesse acontecido. Era um grande passo a inauguração de mais um valioso centro científico que, como fora accentuado, tanto poderia contribuir para a elevação do nível técnico português.

Continuando disse que o sr. eng. Ulrich tinha falado largamente de todos que se haviam distinguido na realização daquele notável empreendimento, mas como era natural guardara silêncio sobre a larga parte que lhe cabia. Quase se tornava supérfluo observar que fora ele que superiormente orientara o trabalho realizado de principio ao fim, dando-lhe o seu entusiasmo e o cabedal valiosissimo da sua experiência. Era-lhe grato recordar que o centro de investigação que se estava a inaugurar representava efectivamente o segundo estabelecimento científico idealizado e posto a funcionar pelo sr. eng. Ulrich. O primeiro fora o Laboratório da Engenharia Civil. E era realmente fazer pura justiça ao prestígio já conquistado por aquele último em vários sectores da engenharia civil, exprimir o voto de que em prazo não longo o novo Laboratório pudesse vir a rivalizar com ele. Referiu com elogio a presença na sala dos srs. engs. Arantes e Oliveira e Manuel Rocha, respectivamente, primeiro director e director actual do Laboratório de Engenharia Civil.

Mais adiante salientou que concordava inteiramente com as vistas do presidente da Junta de Energia Nuclear acerca do futuro trabalho do novo Laboratório. Era de desejar a colaboração constante e activa da Universidade. Os estudiosos tinham ali um instrumento precioso para o seu constante aperfeiçoamento.

Prestara especial atenção às palavras do eng. Ulrich sobre os dola problemas que apontara: a escassez de técnicos e a necessidade de coordenar superiormente os órgãos de investigação para evitar duplicações; este último, mais simples e mais prático de resolver como o demonstravam certos esforços actuais de coordenação.

Por último dirigiu uma palavra de louvor e estímulo ao pessoal do Laboratório. Era-lhe grato confirmar perante o Chefe do Estado os méritos de aqueles, que, quer fazendo parte do pessoal, quer tendo tomado parte no planeamento e construção daquele novo estabelecimento, haviam sido distinguidos por uma citação especial.

Nova e prolongada ovação eocou quando o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira concluiu.



O Chefe do Estado, junto de quem se vê o sr. eng. Marques Videira observa um bloco de urânio puro produzido no Laboratório.

O Chefe do Estado condecorou alguns cientistas e técnicos que colaboraram na construção do Laboratório

Então, o sr. Presidente da República, impôs as insígnias de comendador da Ordem de Cristo aos srs. eng. Rogério Cavaca e dr. Carlos Cachó, e de oficial, aos srs. dr. José Luis Saldanha e eng. Fernando Correla, distinguiu com o grau de comendador do Mérito Agrícola e Industrial o sr. eng. Augusto Suplico e com a de cavaleiro os encarregados da execução da obra srs. António Salva Carapicho, Isidoro Rocha e Costa e João António Rocha.

Impostas as condecorações, o sr. Presidente da República, afirmou:

«Ainda que breves, mal parecia que, neste acto, não dissesse algumas palavras. Poucas, evidentemente, porque julgo já ter sido dito quase tudo. Não quero, nesta importante inauguração, deixar de felicitar o sr. eng. Frederico Ulrich por este grandioso empreendimento. Felicitando-o a ele, felicito todos quantos trabalharam na realização desta obra, que vem talvez um pouco tarde, mas ainda a tempo de promover no nosso País o estudo da aplicação-prática e pacífica do aproveitamento da energia nuclear.

«Faço votos por que este Laboratório possa atingir, em breve, prestígio igual ao já alcançado pelo Laboratório de Engenharia Civil, cuja fama ultrapassou fronteiras. Que o mesmo aconteça a este, em menor prazo, se possível for.»

Acrescentou que, com efeito, não podia ter sido escolhido melhor dia para aquela inauguração, pois se passava uma data notável na historia do nosso País, a entrada para o Governo do sr. prof. Oliveira Salazar, o estadista que tem sacrificado a sua vida a bem do País. Dirigindo-lhes de ali cumprimentos prestava — disse a terminar — um acto de justiça que muito grato era ao seu coração.

Uma ovação sublinhou o breve discurso do sr. Presidente da República que, depois, acompanhado dos srs. eng. Frederico Ulrich, dr. Carlos Cachó, membros do Governo e outras individualidades, percorreu demoradamente as instalações do Laboratório, concluindo a visita no edificio onde está o reactor, a cujo funcionamento assistiu.

Membros do corpo diplomático e muitos cientistas estiveram presentes na visita

Entre a assistência que, por completo encheu o salão onde a sessão solene se efectuou, notavam-se os srs. embaixadores de Espanha, da Grã-Bretanha, dos E. U. da America do Norte e da França, encarregado de Negócios da Itália, os reitores das Universidades de Lisboa e do Porto, directores das Faculdades de Medicina e de Ciências de Lisboa e da Faculdade de Engenharia do Porto. Ainda presentes os srs. almirante Sarmiento Rodrigues, profs. Gustavo Cordeiro Ramos, Paulo Cunha Amorim Ferreira e Fernando Quintino da Silva; os membros da Junta de Energia Nuclear, altos funcionários do Ministério das Obras Públicas; os srs. brigadeiro França Borges e capitão Oliveira Mata, presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e de Loures; capitães Agostinho Lourenço e Neves Graça; drs. Francisco Cortés Pinto, Mário de Oliveira e Manuel Vicente Moreira; engs. Ferreira do Amaral e Mercler Marques, Pierre Hourcade, escultor Leopoldo de Almeida, etc.

Foi oferecido um «cocktail» aos convidados estrangeiros

O sr. eng. José Frederico Ulrich, presidente da Junta de Energia Nuclear, e outras individualidades, ofereceram ontem à tarde, no Hotel Tivoli, um «cocktail» aos convidados estrangeiros que vieram assistir à inauguração do primeiro reactor atómico em Portugal. Foram trocados brindes entre os representantes de vários países e as individualidades portuguesas. Os nossos convidados felicitaram o sr. eng. Frederico Ulrich e os seus colaboradores pelo grande empreendimento registado em Portugal, e que constitui um notável progresso.

É PHILIPS o acelerador de partículas COCKROFT-WALTON de 600 KV instalado no Laboratório de Física e Engenharia Nucleares - Sacavém (Primeiro acelerador de partículas instalado em Portugal).